



A TEMÁTICA “FAMÍLIA” NOS TEXTOS DAS AUTORAS DO PERÍODO COLONIAL: BÁRBARA HELIODORA E IDELFONSA LAURA CÉSAR

Deyvid de Oliveira Pereira¹
Edilene Ribeiro Batista²

O ensino de literatura que é difundido nas escolas públicas e nos bancos universitários do Brasil se limita à propagação da visão difundida em nosso cânone literário. Os conteúdos não excedem à observação e à análise, por exemplo, do barroco de Gregório de Matos; do racionalismo de Alvarenga Peixoto; do indianismo e nacionalismo de Gonçalves Dias e de José de Alencar; da quebra dos valores morais da sociedade burguesa encontrada em Machado de Assis e, assim, sucessivamente. É somente a partir da estética modernista que o nosso cânone literário dará lugar a escritoras como Rachel de Queiroz. Depois disso, outras mulheres surgirão no panorama nacional. Afinal, quem, no cenário acadêmico das Letras, nunca ouviu falar no pessimismo poético de Cecília Meireles? No pensamento existencialista de Clarice Lispector e de Lygia Fagundes Telles? No obscuro estilo de Hilda Hilst? No estandarte feminista levantado por Adélia Prado? Na autobiografia saudosista produzida por Cora Coralina?

Ao pensarmos a escrita feminina no/do Brasil, percebemos que ela nem sempre se expande para um passado não muito distante – o século XVIII, por exemplo. Quando analisamos o Período Colonial brasileiro, percebemos que a cultura falocêntrica foi eficaz a ponto de excluir a produção literária realizada por mulheres nessa época. Seguem-se, então, indagações como: Quem já ouviu falar na produção barroca de Ângela do Amaral Rangel? No instinto maternal iluminista apresentado por Bárbara Heliodora? No racionalismo observado nos textos de Maria Josefa Barreto e nos sonetos de Beatriz Francisca de Assis Brandão? Nos textos árcades de Delfina Benigna da Cunha? Na transgressora escrita de Idelfonsa Laura César? Infelizmente, o silêncio, nesse momento, prevalece.

Apesar de, hoje, encontrarmos produções femininas sendo consagradas pelo cânone literário nacional, nem sempre isso ocorreu. Muitas escritoras continuam na obscuridade e no esquecimento.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins - UFT/Porto Nacional – TO. Participante do grupo de pesquisa, orientado pela Professora Doutora Edilene Ribeiro Batista, “Escritoras Brasileiras do Período Colonial”. pandorin19@hotmail.com

² Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília - UnB. Desenvolve pesquisas na área de gênero. Atualmente, tem desenvolvido trabalho sobre Escritoras Brasileiras do Período Colonial. É Professora Adjunta, em regime de dedicação exclusiva, no curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Campus de Porto Nacional e docente do programa de Mestrado – PPGL - UFT/Campus de Araguaína. Atualmente, é coordenadora do curso de Letras – UFT/CPN. É autora de livros e diversos artigos em revistas. ribeiroedilene@yahoo.com.br



No intuito de modificarmos tal situação é que nos propomos, neste trabalho, a falar sobre Bárbara Heliodora e Idelfonsa Laura César - duas escritoras brasileiras do Período Colonial que dialogam, entre si, no que diz respeito à transgressão aos modelos sócio-culturais impostos ao feminino pela família patriarcal.

Bárbara Heliodora é uma escritora mineira, nascida, provavelmente, nos fins do ano de 1758, na cidade de São João Del Rei. Pertencia a uma ilustre família paulista: a de Amador Bueno. Era filha de Drº José da Silveira e Sousa e de D. Maria Josefa Bueno da Cunha. Casou-se, em 22 de dezembro de 1781, com o então escritor árcade Alvarenga Peixoto e viveu entre a Vila de Campanha e a de São Gonçalo de Sapucaí. Dessa união, nasceram quatro filhos sendo que a primogênita - Maria Ifigênia morreu precocemente devido a uma queda de cavalo.

Mesmo nascendo em uma família que apregoava valores morais, éticos e culturais acentuados, Bárbara Heliodora teve uma postura transgressora para seu tempo: casou-se por portaria do bispo de Mariana quando sua filha mais velha, Maria Ifigênia, já contava com três anos de idade; juntamente com Alvarenga Peixoto, lutou em prol dos anseios da Inconfidência Mineira e, por causa disso, foi considerada musa dessa revolução; escreveu dois poemas intitulados “Conselho de Bárbara Heliodora a seus filhos” e “Soneto”, onde encontramos um acentuado discurso materno, nem por isso não racional.

O caráter transgressor de sua obra e sua participação em um conflito sócio-político de grande escala política e social, no Brasil, repercutiram diretamente na vida particular dessa escritora, fazendo-a ter momentos críticos e de instabilidade extrema: a luta contra o governo de então abalou sua estrutura econômica; a sua ousadia em escrever (coisa que, naquela época, não era adequada para “mulheres de família”) a levou a ser tachada de louca no fim de sua vida.

Sobre a produção de Bárbara Heliodora, sabemos que ela se limita a dois textos, conforme referido acima, sendo esses considerados, por alguns críticos literários, pertencentes a Alvarenga Peixoto, uma vez que foi ele quem os publicou, em 1956, em suas *Obras Poéticas*. Entretanto, o discurso materno e de extrema preocupação com a educação dos filhos implicados no poema “Conselho de Bárbara Heliodora a seus filhos”, bem como a percepção feminina da sociedade refletida em seus textos nos leva a acreditar que, de fato, esses poemas sejam de autoria de Bárbara Heliodora. A esse respeito, afirma Isabella Fernandes Pessoa:

Em um tempo em que a regra geral era as mulheres serem analfabetas, e não terem seus méritos intelectuais reconhecidos, Bárbara Heliodora foi uma ilustre exceção. Ainda assim sofreu o preconceito de quem se recusava a acreditar que ela tivesse escrito uma obra. Felizmente, alguns enxergaram o seu valor, como João



Lúcio Brandão, que afirmou, em 1922: “É preciso evocar-se o tempo e o meio em que viveu; e seu vulto sobressairá dominador, numa grandiosa moldura”³

Como comprovação do descrito acima, encontramos, em “Conselho de Bárbara Heliodora a seus filhos”, por exemplo, certo tom maternal: “Meninos, eu vou ditar/ A regra do bem viver;/ Não basta somente ler,/ É preciso ponderar,/ Que a lição não se faz saber./ Que faz sábios é o pensar.”

Note-se, ainda, que nos versos acima, há a presença de um racionalismo iluminista provindo de um contexto histórico específico – a Inconfidência Mineira. Outrossim, esse poema, escrito provavelmente depois das repressões políticas sofridas por Alvarenga Peixoto, denota o cuidado materno de Bárbara Heliodora ao aconselhar seus filhos a fim de que eles sobrevivam em uma sociedade injusta e repressora.

Ao considerarmos a forma como seus textos foram escritos, percebemos que eles apontam para o papel da mulher no contexto familiar daquela época – criar, de forma cristã, seus filhos. Tal afirmação pode ser observada, sobretudo, em “Amada Filha”. Exemplifiquemos com o seguinte trecho desse poema: “A mão, que te gerou, teus passos guia/ Despreza a oferta de uma vã beleza,/ E sacrifica as honras e a riqueza/ Às santas leis do Filho de Maria”.

O caráter barroco, presente no fragmento acima, nos remete a um campo de discussão que pode justificar o porquê de Bárbara Heliodora, mesmo estando à frente do seu tempo, se prender a condutas ainda patriarcais com relação ao papel da mulher na família. Ora, sabe-se que a condição feminina é historicamente definida por regras apresentadas, majoritariamente, pela Igreja. Sendo assim, é explicável que essa escritora, sob influência barroca, adote valores religiosos como norteadores de seu comportamento. Por outro lado, o fato de Bárbara Heliodora buscar, na revolução, mudanças (como é o caso de sua luta na Inconfidência Mineira), contribuirá para a formação de uma visão racionalista por parte da autora, influenciando, diretamente, na sua forma de conceber a instituição familiar.

Bárbara Heliodora impressiona por sua coragem ao enfrentar o sistema social vigente tanto quanto Idelfonsa Laura César. Esta última, não só rompe com toda uma conduta pré-estabelecida para o feminino, como também despreza o “sagrado valor do matrimônio”, afrontando a rústica sociedade de então ao escrever sobre temas considerados inadequados para mulheres.

Filha de uma ilustre família baiana, Idelfonsa Laura César nasceu no ano de 1794 e morreu em data desconhecida. Foi educada por sua irmã Angélica Rosa César, a quem dedicou seus livros, e com ela viveu até o seu casamento com o major da guarda nacional Manuel Gomes Tourinho.

³ PESSOA, Isabella Fernandes. Bárbara Heliodora In: DUARTE, Constância Lima. *Mulheres em Letras: Antologia de Escritoras Mulheres*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008, p.17.



Enfrentou, corajosamente, o fechado sistema social de sua época inclusive no que se refere à união matrimonial, uma vez que manteve, antes de se casar, um relacionamento com o estudante de medicina José Lino Coutinho, com quem teve sua única filha, Cora. Casou-se, oficialmente, com outro homem (Manuel Gomes Tourinho), somente após a morte de seu amado.

Por causa da considerada inadequada conduta dessa mulher em relação ao ato matrimonial, Idelfonsa Laura César foi alvo de duros preconceitos, sendo tolhida do direito de criar sua filha. Toda essa repressão social associada a um sentimento de incompreensão gerou, nessa escritora, um ímpeto de criação literária diferenciado daquele que estava sendo produzido no Brasil de então.

A produção literária de Idelfonsa Laura César consta apenas da publicação de dois livros: *Ensaio Poéticos*, publicado em 1844 e *Lição a meus Filhos*, publicado no ano de 1843. Contudo, a carga poética presente nessas obras exige que pensemos nessa escritora de forma mais cautelosa e, sobretudo, prazerosa. Ela utilizará, em sua escritura, tendências árcades como o pastoralismo, o bucolismo, a temática do *fugere urbem* (“Aquela no verde prado/ seu rebanho vê pastar,/ a natureza contempla, que a deixa seus bens gozar./ Enquanto do sol ardente/ deixa passar o calor,/ cheirosas flores enrama/ para as dar ao seu amor”), mas se afastará da estética neoclássica na medida em que tratar de temas tais como: a saudade, o pessimismo, o desejo de liberdade.

Ao olharmos a representação da família nos textos de Idelfonsa Laura César, perceberemos que essa escritora mostrará a importância dessa instituição, em seus poemas, por meio da utilização de metáforas, concedendo forte saudosismo e sentimentalismo à sua lírica, como podemos observar em: “Em vão tua ausência sinto!/ De mim ninguém se entenece!/ Surdos são à voz da dor!/ Ninguém ouvir-me parece!”

No fragmento acima, encontramos um eu-lírico descontente por não ter ao seu lado aquele que julga importante. Essa carência abre espaço para que o poema reflita certo sentimentalismo. Sobre essa questão, afirma Zahidé Lupinacci Muzart:

A poetisa revolta-se com o jugo do amado, com sua ausência [...] fazendo ressaltar um cunho quase autobiográfico em sua poesia. O que espanta, além da coragem da poetisa para, em sua lírica, afrontar a época com suas queixas é o fato de que tal poesia tenha permanecido tão terminantemente enterrada. Das poetisas contemporâneas de Idelfonsa, não há nenhuma que tenha tanta força e, sobretudo, tanto sentimento em seu canto⁴.

A falta da realização familiar por parte de Idelfonsa (que acabará por firmar, com Manuel Gomes Tourinho, um matrimônio indesejado), nos trará à tona um texto de tendência pessimista e

⁴ MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do Século XIX* – Vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000, p.149.



de transição para o Romantismo. Tal afirmação pode ser verificada em “Lira”: “Da minha cadeia de ferros,/ O peso sinto esquecer/ Quando te aperto em meus braços/ E posso alegre te ver”.

Enfim, tanto Bárbara Heliodora quanto Idelfonsa Laura César foram duas escritoras que colaboraram para a formação literária do Brasil. Apesar de ambas viverem em uma mesma época, elas apresentam perfis distintos. Enquanto Bárbara Heliodora é comedida em sua transgressão, Idelfonsa Laura César trava uma luta contra os valores sociais, afrontando-os, pois, para esta última, a organização familiar não deve se restringir ao bem fazer para o outro, mas também ao seu bem fazer particular. Com essa postura, Idelfonsa Laura César dá espaço, em sua produção literária, para o sentimento feminino, concedendo à mulher valor enquanto ser que pensa; que sente; que age e que pode transformar a sociedade em que vive.

Com o resgate de escritoras como Bárbara Heliodora e Idelfonsa Laura César, o silêncio canônico começa a perder espaço para o conhecimento. Cabe a nós, pesquisadores e estudantes de Letras, avançarmos para além dos limites do cânone, comprovando que o fazer literário produzido por mulheres não se inicia somente no século XX, mas se faz presente, mesmo que de forma comedida, durante todo o processo de construção de nossa identidade nacional.

Bibliografia

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. SP: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – Vol. 1*. BH/RJ: Editora Itatiaia, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*. São Paulo: Escritura Editora, 2002.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. RJ: Civilização Brasileira, 1986.
- DUARTE, Constância Lima. *O Cânone e a Autoria Feminina*. *Jornal Folha de São Paulo*, 13-04-1994.
- _____. *Mulheres em Letras: Antologia de Escritoras Mulheres*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura: Origens, Barroco, Arcadismo – Vol. I*. SP: Cultrix, 1990.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX – Vol. I*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- PATEMAN, Carole. *O Contrato Sexual*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- PERROT, Michelle. Os Silêncios do Corpo da Mulher In: *O Corpo Feminino em Debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.13 – 25.



SILVA, Gisele Mendes da. *Leitura do Corpo Envelhecido em Laços de Família* In: *Língua e Literatura: Propostas de Ensino*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

XAVIER, Elódia. *A Família pelo Olhar da Escritora Brasileira* In: *Do Imaginário às Representações na Literatura*. São Cristóvão: Editora UFS, 2007, p. 119 – 126.